



Para imprimir este artigo sem cortes clique no ícone da impressora >>>



SER CRIANÇA, SER ALUNO/A: IDENTIDADES NARRADAS EM TEXTOS ESCOLARES

Roseli Inês Hickmann e Maria Isabel H. Dalla Zen

O objetivo deste trabalho foi perscrutar as marcas da identidade de ser criança e ser aluno/a em um conjunto expressivo de redações produzidas por alunos/as de 4ª. série de escolas públicas estaduais de Porto Alegre. Essa amostra é um recorte de um conjunto maior de textos, cuja avaliação foi levada a efeito por convênio da Secretaria de Educação/RS e UFRGS. A proposta de redação foi apresentada da seguinte forma: *copie o trecho abaixo na sua folha de rascunho e continue a história como você quiser. (...) Foi num Domingo muito ensolarado que tudo aconteceu. A turma toda, acompanhada da professora, saiu para visitar...*

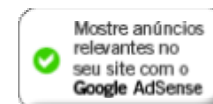
Buscou-se analisar as narrativas, interpretando nos achados não o que se faz nas escolas em atividades extraclasse, mas entendendo a produtividade dos discursos e o seu enquadramento em políticas de narração, aprendidas pelos alunos/as em contextos subjetivadores. Do mesmo modo, se procurou vasculhar as articulações entre as diferentes representações do ser criança e ser aluno/a, rastreando as facetas dominantes e as rupturas, a mescla de imagens, as recorrências mais significativas, suas continuidades e descontinuidades.

Para tanto, selecionou-se uma amostra de textos de alunos/as de Porto Alegre, no intuito de aprofundar o conhecimento sobre as produções escritas de crianças chamadas urbanas, atentando para a potencial diversidade de culturas escolares em espaços geograficamente espalhados e inseridos em diferentes contextos regionais, com a expectativa de ser um elemento motivador de reflexões para professoras/es das Séries Iniciais.

As variações dialetais aparecem de forma marcante nas narrativas, ora denotando a dimensão regional, étnica, cultural, ora salientando a dimensão de classe social, bem como apontando para processos de *hibridização* de culturas – local, midiática e global (Canclini, 1997) em situações como: *olhemos, abaixar a comida, comemos de monte, griteiro, dar de valente, de barriga cheia.*

Ser criança, aluno/a em uma metrópole apresenta muitas possibilidades de experiências vividas/observadas/aprendidas muitas vezes a duras penas. Para inúmeras crianças oriundas das classes populares isso significa se expor a situações de vulnerabilidade, envolvendo-se precocemente com o mundo do trabalho e com as várias facetas da sobrevivência. Diante das configurações do ser criança e ser aluno/a que circulam em nossa sociedade - marcadas por um tempo sem preocupações, de não-trabalho, de brincadeiras e de escola - essa outra infância de rupturas e descontinuidades nos faz indagar o lugar da escola, que pode figurar como uma obrigação e um empecilho para a obtenção de recursos imediatos à sobrevivência.

A seguir algumas análises das redações selecionadas, lançando olhares para o seguinte foco: *as infâncias narradas em alguns de seus desdobramentos* tais como o passeio escolar e suas funções; o "cuidado" (Carvalho, 1999) como uma dimensão constituidora dos limites entre o lugar de adulto e de criança; a alfabetização e a escolarização



Anúncios Google

Stricto Sensu - Mackenzie
 9 programas de mestrado e 3 de doutorado, Inscreva-se Já!
www.mackenzie.br

Alfabetização e Diversão
 Conheça os Kits de Alfabetização Infantil criados por Pedagogos!
www.ciadaeducacao.com.br

Revista do Professor
 Artigos para Educação Infantil e Ensino Fundamental - Confira aqui!
www.RevistadoProfessor.com.br

Trabalho Educação
 + de 20 Mil Monografias Revisadas e de Qualidade para Sua Pesquisa!
www.ZeMoleza.com.br

Especialização Lato Sensu
 Adm. Pública, Direito, Educação e Marketing a distância Gama Filho
www.posead.com.br

como processos históricos e socioculturais construtores das várias infâncias; o sentimento de vergonha como demarcador dos territórios infantil e adulto, quando começam a ser ocultado das crianças segredo sobre sexualidade, dinheiro, violência, doença, morte, relações sociais e linguagens secretas, demarcando o que é da ordem do comportamento público e do privado (Postman, 1999). Nesse sentido a mídia televisiva poderia figurar como um dos mecanismos engendradores do processo de “desaparecimento da infância”, por meio de dispositivos de identificação das crianças com os adultos, em seus comportamentos, gostos, trajes, linguagens, sexualidades.

Traços identitários do ser criança e do ser aluno/a

Em alguns textos foi possível identificar dimensões da violência e expressões da sexualidade. 1. (...) *o motorista apontou uma arma. E fez a professora de refém e os alunos também.* 2. (...) *a professora falou: mas eles não trouxeram sunga e elas não trouxeram biquínis, mas isso não é problema, disse o diretor, eles tomam banho de cueca e elas de calcinha e uma blusa que elas vieram.*

Ser aluno/a inclui ser formado, ensinado, é fazer um passeio extraclasse com funções pedagógicas, em que aparecem rituais do aprender a lição durante o passeio, após observações e explicações: (...) *a turma toda acompanhada da professora saiu para visitar o lixão, ensinar a nós sobre o lixo orgânico, lixo seco e o que devemos fazer com os lixos. Eu gostei muito de ter aprendido sobre o lixo assim nós sabemos cuidar da nossa saúde.*

Ser aluno/a implica, em inúmeras circunstâncias, ser disciplinado, controlado, punido. Tais comportamentos, incorporados ao seu cotidiano expressam processos de auto-regulação, explicitados em passagens tais como (...) *todo o ônibus se calou, até o motorista.* (...) *E a sora Denise falou: - quem soltou esse bicho repugnante? - Fui eu sora, disse o mongolão do Daniel. - Mais tu vai para a direção quando chegar na escola.* Há também narrativas que enunciam situações em que a professora mescla vigilância e controle com proteção e cuidado – chamada, busca de alunos perdidos e alusão ao “bom comportamento”.

Ser aluno/a é também cumprir exigências, realizando tarefas após o passeio, às vezes com a atribuição de notas como expressão do “ser bom aluno”: 1. (...) *A professora disse: segunda- feira de tema é para fazer um desenho sobre o que viram no zoológico. E saíram trabalhos lindos* 2. (...) *A professora deu 100 para todos os alunos que fizeram o trabalho com argila.*

Ser criança é se descrever em meio a peripécias, percalços – ônibus atolado, estragado, sumiço de colegas, travessuras, brigas: 1. (...) *E de repente a leoa saiu correndo atrás da nossa turma e a gente teve que correr para dentro do ônibus até o domador chegar.* 2. (...) *A professora Denise tinha pegado no sono. E o Daniel soltou um sapo. Todas as gurias fizeram muita confusão.*

Ser criança é se narrar brincando, fazendo bagunça, cantando, sendo o ônibus um espaço localizado no imaginário infantil em que tais atitudes são permitidas e até compartilhadas com adultos. 1. (...) *Entraram no ônibus e começaram a foliar, todos começaram a cantar e até os professores começaram a cantar...* 2. (...) *Nós fomos fazendo a maior bagunça dentro do ônibus.*

Ser criança e ser aluno/a inclui o passear, o deslocar-se para longe do espaço cotidiano da escola para conhecer e viver outras experiências – de ônibus de luxo, simples ou de linha/coletivo: 1. (...) *A turma toda acompanhada da professora, saiu para visitar as praias de Santa Catarina.* 2. (...) *o museu era muito longe da escola e foram de ônibus de luxo.* Nessa ruptura com a rotina do ser aluno/a, a atividade extraclasse [o passeio] passa a ser exaltada como muito positiva, sendo capaz de gerar novidades e aprendizagens: 1. (...) *mas tava legal, foi o meu passeio mais legal da escola.* 2. (...) *Eu entrei dentro da casinha de bonecos, tinha telefone, cadeirinha. Estava muito bom, eu adorei.*

O cuidado como uma dimensão que envolve a relação adulto/criança fo

perceptível em várias situações narradas pelas crianças ao retornarem do passeio: 1. (...) *Os pais dos alunos estavam esperando os filhos.* 2. (...), *Falando das novidades para as mães.* Essa postura de espera e de escuta aos filhos, pode traduzir uma maior visibilidade aos lugares de adulto e de criança, de pais e filhos/as e às atribuições que competem a cada um. Situação que tem se mostrado ambivalente na contemporaneidade ao se inverterm ou dissolverem as fronteiras entre aquelas posições, mais observáveis entre as classes médias e altas. Para esse contexto Cláudia Fonseca (1999) cunhou a expressão "criança absoluta", para caracterizar a criança que reina, que tudo pode e que é depositária dos desejos e esforços dos pais para que estes realizem seus projetos de chegada ao paraíso.

Dos vários lugares escolhidos para o passeio, o relato da visita ao zoológico é o que aparece com maior frequência, ocupando quase metade das duzentas narrativas analisadas. Também aparecem lugares que tradicionalmente têm sido identificados com os espaços do brincar mais livremente, como praças com balanço, gangorra e escorregador; sítios e fazendas que denotam tentativas de tornar o mundo da natureza mais próximo, bem como estabelecer vínculos com o mundo rural (andar a cavalo, tirar leite, observar plantações...). Em certas situações trata-se de uma natureza "higienizada" e organizada para ser contemplada, como no caso do Jardim Botânico.

Outros espaços como o circo, o teatro, o parque de diversões remete ao lazer enquanto consumo, ao mesmo tempo em que traduzem a permanência da magia e da fantasia como componentes do imaginário infantil.

De maneira bastante reduzida aparecem visitas: *a um estádio de futebol para conversar com os jogadores; ida ao shopping center para tomar lanche no McDonald's, olhar as vitrines das lojas com roupas super bonitas, ir à loja Super Festas que tem um monte de brinquedos..* Novamente lazer e consumo se imbricam refletindo algumas características de uma infância envolvida com os artefatos culturais dos tempos pós-modernos, com influências da mídia e das novas tecnologias, em especial, dos jogos eletrônicos.

Algumas brincadeiras como: *pega-pega, esconder, estátua, paralítico* aparecem remetendo às infâncias de outros tempos, aprendidas muitas vezes por meio do que é passado através das gerações, seja pelo convívio familiar ou pelo processo de escolarização. As convencionais brincadeiras de menino e menina também marcam os relatos, quando (...) *elas gostaram de brincar na roda gigante e eles foram andar de carrinho de choque*, da maneira que as crianças costumam achar "natural", sem questionamentos sobre os gostos e desejos se invertem ou se reposicionam diante das questões de gênero.

Em certas narrativas se percebe o que se poderia caracterizar de pedagogização dos momentos lúdicos, bastante presentes em diversos espaços de lazer, principalmente os frequentados pelas classes sociais mais favorecidas. 1. (...) *silêncio para podermos escutar a natureza.* 2. (...) *a professora organizou um grupo de 30 alunos.*

Finalizando...

Neste percurso sobre as redações escolares, foi possível traçar algumas dimensões das identidades de infância, através de personagens que passeiam, se deslocam para longe, aprendem, brincam, cuidam, são cuidados, contemplam, fazem travessuras, sofrem punições, relatam acontecimentos, realizam tarefas, prestam contas; enfim, se situam em mundos organizados pelas histórias inventadas. Nestas pode-se perceber que as identidades são construídas discursivamente a partir de um repertório de práticas vividas, historicamente, em instituições específicas (escola, família), marcada por ações também específicas que circulam na memória, no imaginário de quem conta, re-descreve.

Este estudo pode contribuir, também, para a materialização de outros níveis de análise textual, através de uma exploração fecunda sobre a variedade de temáticas emergentes nas narrativas. Sugere como

professoras e professores podem abordar em suas práticas pedagógicas tanto aquela diversidade quanto as diferentes configurações do ser criança e do ser aluno/a, isto é, as múltiplas infâncias, considerando que esses narradores nos contam algo sobre suas formas de significar as dinâmicas das relações humanas, trazendo sentidos, vozes de outros tempos, vozes do aqui/agora.

Referências bibliográficas:

CARVALHO, Marília P. de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais.** São Paulo: Xamã, 1999.
CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas.** São Paulo: EDUSP, 1997.
FONSECA, Cláudia. *O abandono da razão: a descolonização dos discursos sobre a infância e a família.* In: SOUSA, Edson L. A. de (org.). **Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

Publicado em 22/05/2003 11:42:00

Roseli Inês Hickmann e Maria Isabel H. Dalla Zen - Roseli Inês Hickmann-licenciada e bacharel em Ciências Sociais-UFRGS e Mestre em Educação-UFRGS, docente junto aos cursos de Pedagogia. Maria Isabel H. Dalla Zen, Mestrado em Educação, atua junto ao curso de Pedagogia na área de ensino da Língua Materna, orienta e coordena os estágios das alunas do curso de Pedagogia de Séries Iniciais.

Dê sua opinião:



Clique aqui: [Normas para Publicação de Artigos](#)

[Página Inicial | Voltar]

© 1998 - 2007 Psicopedagogia On Line - Tel/Fax.: 11-5054-1559
Comentários: comentarios@psicopedagogia.com.br
Direitos Autorais



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.